cinemateca

maio de 2022

JSM: O CINEMA DE JORGE SILVA MELO E CARTA BRANCA SEM RECEITA

JSM: O CINEMA DE JORGE SILVA MELO E CARTA BRANCA SEM RECEITA

É em maio – "maduro maio" dizia Jorge Silva Melo a acertar a data para 2022 – que a Cinemateca volta integralmente à retrospetiva e à carta branca interrompidas poucos dias após o início, em março de 2020. Foi quando as palavras *pandemia*, *confinamento* romperam o vocabulário comum deste século, suspendendo, entre tantas coisas, a mais completa apresentação do cinema de Jorge Silva Melo. Pensadas com Jorge Silva Melo, as duas vertentes do programa vão, agora, realizar-se sem ele, contando com alguns dos seus cúmplices; apresentadas há dois anos como "Viver Amanhã como Hoje" e "Carta Branca 2020" têm, agora, por títulos "O Cinema de Jorge Silva Melo" (sublinhando a dimensão que persiste como a menos divulgada do seu raio de ação) e "Carta Branca sem Receita" (a partir do texto que então escreveu e foi distribuído). Aos programados em 2020 acrescem dois títulos, um deles A MINHA HISTÓRIA DO TEATRO, série de nove pequenos filmes entretanto realizados. Dos títulos da carta branca não é lamentavelmente possível mostrar, dada a impossibilidade de aceder a uma cópia neste momento, DOLGYE PROVODY / *"*O LONGO ADEUS*"* de Kira Muratova (1971). E apresenta-se, não em contrapartida mas pelo sentido que faz, um outro filme não prescrito, um filme "a mais" além dos vinte por ele escolhidos na carta branca: DESIGN FOR LIVING, o Lubitsch de 1932 que adapta o texto de Noël Coward de que Jorge Silva Melo cuidou na sua última encenação com os Artistas Unidos, que continuam. *Vida de Artistas.*

Contando com a colaboração preciosa dos mesmos Artistas Unidos, esta retrospetiva é pois uma integral da sua obra no cinema. Na Cinemateca, Jorge Silva Melo foi um protagonista presente, ante-estreou e acompanhou projeções e programas dos seus filmes (desde 1983, ano da ante-estreia da longa-metragem inicial PASSAGEM OU A MEIO CAMINHO), respondeu a cartas brancas, marcou sessões especiais. Em 2013, o Lisbon & Estoril Film Festival organizou uma primeira retrospetiva, ocasião em que foi publicado *O Cinema de Jorge Silva Melo e os Sortilégios do Tempo*, por Francisco Ferreira. Associada à presente retrospetiva, será lançado, pela Midas Filmes, a edição DVD de A. PALOLO: VER O PENSAMENTO A CORRER, completando a coleção de títulos dos "filmes de artistas" de Jorge Silva Melo. PASSAGEM OU A MEIO CAMINHO é apresentado numa muito recente cópia digital, tirada no laboratório da Cinemateca para permitir que o filme, de que continuam a procurar-se os negativos e de que não existem boas cópias no formato original em película, possa ser visto e visto em melhores condições. Está em preparação um catálogo, a publicar em breve. O texto que se segue retoma, com pequenas alterações, aquele que foi distribuído em março de 2020.

O CINEMA DE JORGE SILVA MELO

A escrita, o cinema, o teatro, são artes da vida de Jorge Silva Melo (1948-2022), homem que ocupou um lugar só dele na cultura em Portugal. Leitor, espectador, crítico, professor, autor, cronista, tradutor, ator, argumentista, realizador, dramaturgo, encenador, diretor artístico. A frase que acaba ali podia continuar substantiva. E chamar outra que referisse Lisboa, Londres, Paris, Berlim, Milão, Roma, pelo menos estas cidades, onde nasceu, estudou cinema, estagiou em teatro com Peter Stein e Giorgio Strehler, foi ator de Jean Jourdheuil, criou, trabalhou, conviveu, passeou. Em Lisboa, integrou o Grupo de Teatro de Letras entre 1967 e 1970, fundou e dirigiu, com Luis Miguel Cintra, o Teatro da Cornucópia entre 1973 e 1979; fundou a companhia Artistas Unidos em 1995 que também ela teve várias vidas com ele, diretor artístico e encenador frequente. "Ainda não acabámos", escreveram na despedida.

Escreveu o libreto para uma ópera – *Le château des Carpathes* (baseado em Júlio Verne), de Philippe Hersant (1992). E peças – *Seis Rapazes, Três Raparigas* (1993*)* e *António, Um Rapaz de Lisboa* (1995), as mais recuadas; *O Grande Dia da Batalha* (a partir de *Albergue Nocturno*, Máximo Gorki, 2018), a mais recente. Entre o muito que traduziu, contam-se obras de Carlo Goldoni, Luigi Pirandello, Oscar Wilde, Bertolt Brecht, Georg Büchner, Lovecraft, Michelangelo Antonioni, Pier Paolo Pasolini, Harold Pinter, Heiner Müller. Por exemplo, *A Máquina Hamlet*, levado à cena do Teatro da Politécnica em 2020, a partir de uma tradução de Jorge com Maria Adélia Silva Melo, a irmã mais velha que o apresentou em criança a círculos de pensamento e ação cultural. São dados de referência obrigatória, os destes parágrafos, mesmo num texto não biográfico que sobretudo trata de cinema. Além de peças, publicou livros de crónicas. Dois deles discorrem memórias, regressam a escritos, ziguezagueiam com o tempo – *Século Passado* (2007) e *A Mesa Está Posta* (2019), em que fala na primeira pessoa das décadas vividas a pensar e a fazer, numa insistência feliz e teimosa, diz ele. Citava com gosto versos de *O Conto de Inverno*, de Shakespeare, "But such a day to-morrow as to-day,/ And to be boy eternal."

Espectador de cinema desde novinho, sobre cinema começou a escrever no suplemento juvenil do *Diário de Lisboa* pelos 15 anos, antes do princípio na crítica na revista *O Tempo e o Modo*. Sucedâneo da cinefilia e da crítica, o percurso de Jorge Silva Melo no cinema inicia-se na passagem das décadas de 1970 e 1980, a *assistir* João César Monteiro nos iniciais SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN e QUEM ESPERA POR SAPATOS DE DEFUNTO MORRE DESCALÇO (1969/70), mas também Paulo Rocha (POUSADA DAS CHAGAS, 1971), António-Pedro Vasconcelos (PERDIDO POR CEM, 1972) e Alberto Seixas Santos (BRANDOS COSTUMES, 1974); a *colaborar com* Solveig Nordlund (MÚSICA PARA SI, 1978). Mais tarde, havia de ser argumentista

de Rocha e da mais nova geração de Manuel Mozos, João Guerra, Pedro Caldas; ator, nos anos de 1980 e 90, de João Botelho, João César Monteiro, Alberto Seixas Santos, Paulo Rocha, Manoel de Oliveira, Christine Laurent, Vítor Gonçalves, José Nascimento, José Álvaro Morais ou Joaquim Pinto.

Na ficção, a solo, realizou cinco longas e uma curta-metragem entre 1980 e 2007: PASSAGEM OU A MEIO CAMINHO, dedicado aos realizadores João César Monteiro, Paulo Rocha, António-Pedro Vasconcelos, Alberto Seixas Santos e ao professor João Bénard da Costa, um ano depois do "episódico-teatral" E NÃO SE PODE EXTERMINÁ-LO? (correalizado com Solveig Nordlund, 1979); NINGUÉM DUAS VEZES; AGOSTO; COITADO DO JORGE; ANTÓNIO, UM RAPAZ DE LISBOA; A FELICIDADE, a curta-metragem com Fernando Lopes no papel protagonista. Manteve um trabalho ímpar na série de retratos dedicados a artistas plásticos, principiado com A. PALOLO: VER O PENSAMENTO A CORRER (1995). Por ordem de entrada filmográfica, os artistas de Jorge Silva Melo são Palolo, Joaquim Bravo, Álvaro Lapa, Nikias Skapinakis, Bartolomeu Cid dos Santos, António Sena, Ângelo de Sousa, Ana Vieira, José Guimarães, Sofia Areal, Fernando Lemos. No núcleo documental da sua obra, cabe ainda o filme sobre a Cooperativa de Gravadores Portugueses Gravura, um retrato de Glícinia Quartin, atriz e amiga com quem muito conversou, dois títulos que registam peças dos Artistas Unidos, o autorretrato AINDA NÃO ACABÁMOS, COMO SE FOSSE UMA CARTA.

Esse filme composto como uma carta a um jovem ator, que esteve para se chamar "os que vieram antes", verte uma característica definidora do modo de estar e trabalhar de Jorge Silva Melo, um *interlocutor cúmplice de* gerações mais velhas e mais novas, um *passador* vigoroso no sentido que Serge Daney deu ao termo. A memória e a transmissão são pontos justamente vitais das longas de ficção de Silva Melo, menos vistas e menos bem vistas do que seria de crer. No tempo de que foram contemporâneas, atravessaram dificuldades de ordem vária, também de receção, que em alguns casos as arredaram das salas ou da visibilidade. São filmes em que Jorge Silva Melo entende ter-se detido no "momento da escolha", em que a vida se define, deixando de poder ser outra coisa. São filmes a que importa o tempo que passa e os momentos de passagem. São filmes secretos de palavras, paisagens, personagens, atores à flor da vida. São filmes a *rever*.

FILMES PROGRAMADOS

E NÃO SE PODE EXTERMINÁ-LO? – CENAS DE KARL VALENTIN
VALENTIN NAS LOJAS | VALENTIN CANTA | VALENTIN NA ORQUESTRA | VALENTIN NO TRABALHO | VALENTIN FAZ BALANÇO

de Solveig Nordlund, Jorge Silva Melo

com Luis Miguel Cintra, Raquel Maria,
José Manuel Martins, Carlos Barreto,
Jorge Silva Melo, Isabel de Castro

Portugal, 1979 – 156 min
(duração dos cinco episódios) | M/12

E NÃO SE PODE EXTERMINÁ-LO? regista a encenação de uma escolha de fragmentos de peças do alemão Karl Valentin por Jorge Silva Melo. Êxito extraordinário, este espetáculo tornou-se lendário. O filme é uma produção do Grupo Zero, do Teatro da Cornucópia e da RTP, e é um dos títulos que resultaram da colaboração entre aquela cooperativa e a RTP documentando trabalhos importantes da Cornucópia (casos ainda de MÚSICA PARA SI e VIAGEM PARA A FELICIDADE, de Solveig Nordlund). A versão da encenação para registo televisivo deu origem aos cinco episódios então transmitidos na RTP, com a personagem de Valentin apresentada por dois atores no decorrer das cenas – Jorge Silva Melo e Luis Miguel Cintra: "Valentin nas Lojas", "Valentin Canta", "Valentin na Orquestra", "Valentin no Trabalho", "Valentin Faz Balanço".

PASSAGEM OU A MEIO CAMINHO

de Jorge Silva Melo

com Luís Lucas, Diogo Dória,
João Pinto Nogueira, Teresa Crawford,
João Guedes, Glicínia Quartin,
Isabel de Castro, Gina Santos

Portugal, 1980 – 85 min| M/12

Escrito e filmado a partir da vida e obra do escritor alemão Georg Büchner (1813-1837), à luz elétrica e à máquina de escrever, sem reconstituição histórica, é um filme de ressaca revolucionária. Fala-se da Guerra de Espanha e de Cézanne, através da sobreposição de épocas e de citações. Mas o "fundo" – nunca nomeado – é o 25 de Abril. "À entrada dos anos 80, e no seu primeiro filme, Jorge Silva Melo deu-nos a ver a escuridão da selva. Talvez por ser tão escura – neste filme tão claro – tantos se perderam nela, não percebendo como a vida parava e como era preciso (necessário) pintá-la naquele momento" (João Bénard da Costa).

NINGUÉM DUAS VEZES
de Jorge Silva Melo

com Michael König, Luis Miguel Cintra, Manuela de Freitas, José Mário Branco, Zita Duarte, Glicínia Quartin, Gina Santos, Diogo Dória, Rita Blanco, Luís Lucas, Charlotte Schwab, Grischa Huber

Portugal, Alemanha, França, 1984 – 106 min | M/12

Lisboa, 1983, é a segunda das vezes para as personagens deste filme. Da primeira, na mesma cidade, em 1975, sabe-se em elipse. Em oito anos, o país está muito diferente e os dois casais protagonistas de NINGUÉM DUAS VEZES também. Uma mala sem dona no tapete rolante de um aeroporto, Lisboa como não-lugar, depois de ter sido lugar de tudo. "O que não mudou em Jorge Silva Melo – [depois de PASSAGEM] e continuou a não mudar em AGOSTO ou em COITADO DO JORGE – é a mesma saudade do romantismo, o mesmo olhar novo com que o assume. Não é por o saber passado que lhe volta as costas. É por o saber passado que o convoca." (João Bénard da Costa)

AGOSTO
de Jorge Silva Melo

com Christian Patey, Marie Carré, Olivier Cruveiller, Manuela de Freitas, Pedro Hestnes, Glicínia Quartin, Isabel Ruth, Luís Santos, Rita Blanco, José Mário Branco

Portugal, 1988 – 98 min | M/12

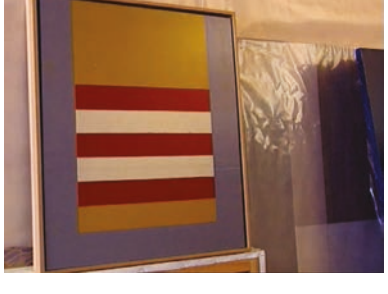
Jorge Silva Melo adaptou muito livremente o romance de Cesare Pavese *A Praia*, ao enveredar, em AGOSTO, pelo cinema romanesco. A paisagem física é a serra da Arrábida e as suas praias, de uma luz deslumbrante e dourada no verão. As pessoas singulares que aí habitam vivem um vazio "antonioniano" que Jorge Silva Melo transpôs para o cinema português. Quando o apresentou em ante-estreia na Cinemateca em 1988, escreveu um texto que começa assim: "'Há um minuto da vida do mundo que passa. Há que o pintar na sua realidade.' Esta frase de Cézanne citada por Merleau-Ponty nesse livro a que há tantos anos recorro, *Sens et Non-Sens*. É isso o que quero do cinema? Minuto-vida-mundo-pintar-realidade?"

COITADO DO JORGE
de Jorge Silva Melo

com Jerzy Radziwilowicz, Ángela Molina, Manuel Wiborg, Joana Bárcia, Ana Padrão, Glicínia Quartin, Manuela de Freitas, José Mário Branco, Miguel Guilherme, Luis Miguel Cintra

Portugal, 1992 – 101 min | M/12

Baseado num romance de Paula Fox (*Poor George*) como "um contraponto mais desolado do AGOSTO" (JSM), é possível resumir o filme com o verso de Ruy Belo que lhe serve de epígrafe: "Triste é no Outono descobrir que é o Verão a única estação." Num verão quente e repleto de incêndios, Jorge, aos 36 anos, está também a arder por dentro. Um importante título do cinema português dos anos 1990, que nunca foi estreado comercialmente. Na sinopse: "Poder-se-á dizer que Jorge é um homem feliz. O Jorge vai para casa. É um dia como todos os outros e há fogo em toda a zona. Nessa noite ele vai encontrar-se com um industrial japonês, que lhe permitirá abandonar o seu cargo de professor e retomar o seu trabalho químico. No entanto, quando chega a casa encontra lá uma pessoa. Uma pessoa que ele não conhece. Um assaltante. A partir desse momento, tudo será diferente."



A. PALOLO: VER O PENSAMENTO A CORRER
de Jorge Silva Melo

Portugal, 1995 – 60 min | M/12

António Palolo (1946-2000) é o primeiro protagonista de uma galeria de retratos de artistas por Jorge Silva Melo, na série que resgata a memória de alguns contemporâneos e compõe o retrato de conjunto de uma geração e das suas afinidades. Os trabalhos e o percurso de Palolo são a matéria do pessoalíssimo primeiro filme do que viria a ser uma trilogia sobre a chamada Escola de Évora, com outros dois títulos dedicados a Joaquim Bravo e Álvaro Lapa. É na primeira pessoa que o filme começa, com o realizador a assumir-se narrador do filme, realizado por altura da preparação de uma exposição no CAM, em 1995, comissariada por Maria Helena Freitas. É ela quem nota o "pensamento a correr" de Palolo, "um artista com a inteligência do coração" de quem também diz: "É um impuro, não respeita uma única corrente artística."

JOAQUIM BRAVO, ÉVORA, 1935, ETC., ETC., FELICIDADES
de Jorge Silva Melo

Portugal, 1999 – 58 min | M/12

JOAQUIM BRAVO, ÉVORA, 1935, ETC., ETC., FELICIDADES é o título completo do belo documentário sobre Joaquim Bravo (1935-1990). Jorge Silva Melo escreveu: "Do facto de ter realizado em 1995 um documentário intitulado A. PALOLO: VER O PENSAMENTO A CORRER, nasceu a pouco e pouco o desejo de um outro documentário de carácter mais historiográfico sobre os artistas que, desde os finais dos anos 1950, começaram a impor caminhos de grande originalidade (e heterodoxia) a partir de Évora. Falo de Joaquim Bravo, Álvaro Lapa e Palolo." Feito com material captado ainda em vida de Joaquim Bravo, o documentário mostra-nos também António Palolo e Álvaro Lapa, os dois pintores que JSM aproxima de Joaquim Bravo e como ele viveram em Évora.

ANTÓNIO, UM RAPAZ DE LISBOA
de Jorge Silva Melo

com Manuel Wiborg, Lia Gama, Sylvie Rocha, Paulo Claro, Isabel Muñoz Cardoso, Marco Delgado, Glicínia Quartin

Portugal, 2000 – 114 min | M/12

Adaptação cinematográfica da peça de Jorge Silva Melo por ele encenada cinco anos antes, no ACARTE, ANTÓNIO, UM RAPAZ DE LISBOA é simultaneamente um filme da geração dos atores que o interpretaram e um retrato da Lisboa dos anos 1990, uma cidade em mudança. O ritmo é vibrante, as cores fortes, os planos enérgicos. Para JSM foi um filme vindo da vontade de filmar atores que conhecia do teatro. A sinopse oficial reza: "Um rapaz em Lisboa, nesta Lisboa em obras. As paragens de autocarro, as entrevistas para emprego, os cafés sujos, o metro de uma noite, os centros comerciais de bairro, as lojas de fotocópias, os arrumadores de automóveis, os hospitais, um encontro à chuva, as creches onde se colocam os filhos, a dura ressaca, o Corte Inglês, as cervejarias onde se mata o tempo."

CONVERSAS COM GLICÍNIA QUARTIN
de Jorge Silva Melo

Portugal, 2004 – 55 min | M/12

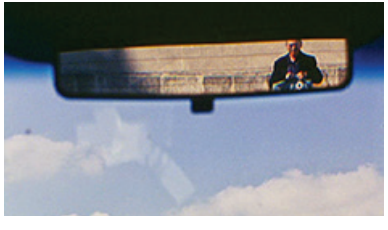
CONVERSAS COM GLICÍNIA QUARTIN foi preparado para os 80 anos de Glicínia Quartin (1924-2006), e a sua ante-estreia teve lugar no dia do aniversário da atriz. Escreveu Jorge Silva Melo: "Gosto tanto de a ouvir falar, à Glicínia. Mas não queria que ela falasse só comigo. Por isso fiz este filme, para partilhar as minhas conversas com Glicínia Quartin." Testemunhando a presença de Glicínia e a sua amizade com Silva Melo, é o filme de Glicínia a conversar com todos nós.

A FELICIDADE
de Jorge Silva Melo

com Fernando Lopes, Pedro Gil, Miguel Borges

Portugal, 2007 – 8 min | M/12

A curta-metragem A FELICIDADE é o último título de ficção de JSM, que filma outro realizador no papel protagonista, Fernando Lopes. Silva Melo: "Um pai e um filho. O pai terá 70 anos, o filho pouco mais de 20. O filho leva o pai ao hospital. Na rádio, ouve-se música clássica: o *Exultate, Jubilate* de Mozart, cantado por Teresa Stich-Randall. Nem o pai sabia que o filho gostava de música clássica, nem o filho sabia que aquela seria a última conversa que teria com o pai. Mas Mozart pede que as almas se alegrem, que os homens rejubilem."



NIKIAS SKAPINAKIS: O TEATRO DOS OUTROS
de Jorge Silva Melo

Portugal, 2007 – 60 min | M/12

Este outro singular "retrato de artista" com que JSM resgata a memória de alguns contemporâneos é dedicado a Nikias Skapinakis (1931-2020), um dos maiores pintores portugueses da segunda metade do século XX. A exposição "Quartos Imaginários" no Museu Vieira da Silva, em 2006, é um ponto de partida do filme, que conta com as participações do crítico de arte António Rodrigues e do realizador. O texto lido por JSM baseia-se em comentários de António Rodrigues, Bernardo Pinto de Almeida, Fernanda Botelho, Fernando Pernes, José Júlio, Margarida Acciaiouli, Michel Butor, Raquel Henriques da Silva, Rocha de Sousa, Rui Mário Gonçalves, Vasco Graça Moura, Nikas Skapinakis. É Silva Melo quem diz sobre Skapinakis: "Há no seu riso uma acidez luminosa. Ele não ri contra, não troça. Ri, proclamando uma distância entre si e ele próprio, uma elegância, talvez seja isso a melancolia."

GRAVURA: ESTA MÚTUA APRENDIZAGEM
de Jorge Silva Melo

Portugal, 2007 – 88 min | M/12

No núcleo das obras dedicadas a artistas, é o retrato de grupo de Jorge Silva Melo, respondendo a uma encomenda da Caixa Geral de Depósitos: fundada em 20 de julho de 1956 por um grupo de artistas e intelectuais, a Cooperativa de Gravadores Portugueses Gravura tem uma história que parte de "um momento único de camaradagem, aprendizagem, intercâmbio, um momento político na História das Formas". É a história que o filme trata através de quase 30 depoimentos de conhecidos artistas plásticos portugueses: "a sua história, e as suas consequências, a sua origem nos movimentos de oposição à ditadura, numa improvisada garagem de Algés. E sobretudo, a necessidade que os artistas sentiram de aprender em conjunto, de se organizar, aprender e ensinar ao mesmo tempo."

ÁLVARO LAPA: A LITERATURA
de Jorge Silva Melo

Portugal, 2008 – 101 min | M/12

"Numa viagem entre Viseu e Lisboa, Jorge Silva Melo reconstitui para o ator Pedro Gil a sua relação com Álvaro Lapa, as entrevistas que realizou com o artista, os anos passados a ver crescer uma das obras mais singulares da arte portuguesa. E a questão: o que é a literatura? Uma demorada viagem iniciática em que se revê toda a obra pictórica e literária e que termina com a declaração de Álvaro Lapa: 'Disponível, disponível é a juventude. Mesmo que seja incapaz, incompetente, estouvada, destrutiva. Mas é disponível'." O filme sobre Álvaro Lapa (1931-2006), que a nota do realizador assim apresenta, é o último capítulo dedicado à "Escola de Évora", depois dos filmes-retrato de Palolo e Joaquim Bravo. Jorge Silva Melo montou uma versão mais longa, destinada a fins expositivos ou académicos: AS CONVERSAS DE LEÇA EM CASA DE ÁLVARO LAPA (2006).

ÂNGELO DE SOUSA: TUDO O QUE SOU CAPAZ
de Jorge Silva Melo

Portugal, 2009 – 60 min | M/12

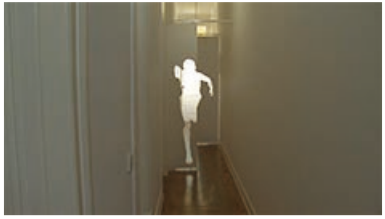
Ângelo de Sousa (1938-2011), pintor, escultor, desenhador, professor que viveu e trabalhou no Porto desde os anos 1950 conversa com Jorge Silva Melo neste retrato de 2010, filmado em Coimbra, numa exposição de escultura, em casa, no atelier, em Lisboa. "O filme parte de encontros vários com o Artista, como se

fossem curtas-metragens justapostas, em que ele comenta os seus trabalhos, os métodos, a repetição das formas, as alternâncias de suportes (papel, fotografia, vídeo, metal). Inquieto, Ângelo guia-me pela sua sempre declarada alegria, impermanente conquista diária das formas simples" (JSM).

ANTÓNIO SENA: A MÃO ESQUIVA
de Jorge Silva Melo

Portugal, 2009 – 60 min | M/12

A MÃO ESQUIVA é de António Sena (nascido em 1941), que Jorge Silva Melo conheceu em 2003, por altura da exposição retrospetiva do pintor em Serralves, apresentada por João Fernandes como uma obra de pintura "que representa um estudo da cor, materiais e composição no contexto de uma relação entre o quadro e a escrita". O retrato foi filmado entre 2003 e 2009, sem preocupações exaustivas e históricas. Conta com comentários de Maria Filomena Molder e João Pinharanda sobre as obras de Sena em diálogo com o realizador. Afirma-se na sinopse que interessou a JSM filmar, do "pintor discreto e esquivo", "a incessante mão, a mão que escrevinha, rasura, escreve, acrescenta, pinta e apaga ou pinta e inscreve. Ou a mão que comenta, sublinha, se lembra."



BARTOLOMEU CID DOS SANTOS: POR TERRAS DEVASTADAS
de Jorge Silva Melo

Portugal, 2009 – 60 min | M/12

Bartolomeu Cid dos Santos (1931-2008) foi um dos muitos artistas exilados do século XX português. Radicado em Londres, ensinou na Slade School of Fine Art. Retrato de um pintor e gravador, cuja obra de extrema vitalidade mantém uma ligação profunda com Portugal. Jorge Silva Melo titula o filme a partir do célebre poema de T.S. Eliot, *A Terra Devastada* (1922) citando-o sobre imagens de atualidades da Europa trucidada pela Segunda Guerra Mundial. "Um mundo crepuscular, o do fim dos muitos impérios, será o mundo de Bartolomeu. Que, em 65, criou uma das primeiras metáforas contra o Poder Colonial Português, a gravura *Portuguese Men of War*. E que no fim da vida, com fúria visível e renovada vitalidade, se insurge contra a Nova Ordem Mundial."

ANA VIEIRA: E O QUE NÃO É VISTO
de Jorge Silva Melo

Portugal, 2011 – 56 min | M/12

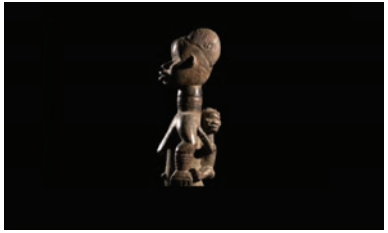
No momento do retrato de Ana Vieira (1940--2016) por Jorge Silva Melo interessava à artista

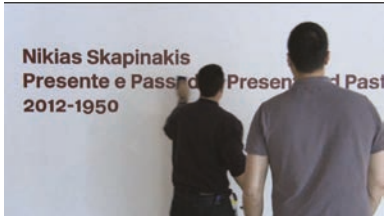
"o que não é dito, o que não é visto". Silva Melo filmou e sobre o que filmou escreveu: "Mas o que não se vê (ou se vê de esguelha, espiando, deslocando o ponto de vista, recusando a frontalidade do renascimento) é o assunto principal deste trabalho intransigente. No cinema, designa-se isso por *off* e é o assunto principal de muitos dos mais belos planos. No teatro, chamou-se a isso *bastidores*, é onde morrem Jocasta e Antígona, se cega Édipo, morre Fedra. Nós só sabemos, porque, felizmente, Téramène na *Fedra* ou o Soldado no *Rei Édipo*, ecos, testemunhas, nos vêm contar. Ou porque Ana Vieira, guardadora das sombras, lhes fixou a traça? Filmar o invisível, é assim um destino: filmar o rasto (rastejar?), a ausência, colocar-me à indiscreta janela (é belo o inglês, *Rear Window*) onde passam as sombras, na caverna."

A ÁFRICA DE JOSÉ DE GUIMARÃES
de Jorge Silva Melo, Miguel Aguiar

Portugal, 2012 – 57 min | M/12

Correalizado por Jorge Silva Melo e Miguel Aguiar, com produção dos Artistas Unidos e o apoio de Guimarães 2012 – Capital Europeia da Cultura, o filme parte da coleção de arte tribal africana de José de Guimarães (nascido em 1939), cujo percurso artístico sofreu uma transformação assinalável com a estadia em





Angola entre 1967 e 1974, em serviço militar. A arte primitiva africana passa a fazer parte do seu trabalho, no sentido do diálogo que o artista afirma manter com as peças que coleciona. "O Minho deu-me as cores, África o sentido do mito."

NIKIAS SKAPINAKIS (CONTINUANDO)
de Jorge Silva Melo

Portugal, 2012 – 23 min | M/12

Em 2012, por ocasião da exposição antológica de Nikias Skapinakis "Presente e Passado. 2012-1950", apresentada no Museu Coleção Berardo, JSM realizou um segundo filme de curta-metragem com o artista, intitulado NIKIAS SKAPINAKIS (CONTINUANDO), em que prolonga aquilo que fez com ele em 2007. Em 2019, vários trabalhos depois, Nikias Skapinakis expôs em Lisboa, na Galeria do Teatro da Politécnica, e no Porto, na Galeria Fernando Santos, "Descontinuando: Pintura e Desenho 2018-2019". Considerando que a curta-metragem de 2012 circunscrevia o momento em que foi realizada, Skapinakis defendia que O TEATRO DOS OUTROS (que na Cinemateca apresentou ao lado de Silva Melo numa memorável sessão de 2009) era um filme muito importante para o conhecimento do seu trabalho.

SOFIA AREAL: UM GABINETE ANTI-DOR

de Jorge Silva Melo

Portugal, 2016 – 55 min | M/12

Sofia Areal (nascida em Lisboa, em 1960) é a artista da geração mais nova entre os retratados por Jorge Silva Melo que, vendo-a como um caso singular nas artes portuguesas, a foi filmando a partir de 2011. "Não se trata de um documentário retrospetivo, mas sim um filme que está ao seu lado, a seguir o seu fazer, as suas dúvidas, certezas, conquistas. Aquilo que me interessou foi ver a Sofia Areal pensar pintando, pintar pensando. Pois nela, 'o que em mim pensa está pintando', é o seu ofício, o dessa mão que todos os dias faz a alegria" (JSM).

AINDA NÃO ACABÁMOS, COMO SE FOSSE UMA CARTA

de Jorge Silva Melo

Portugal, 2016 – 78 min | M/12

É como se fosse Jorge Silva Melo por Jorge Silva Melo. O filme esteve para se intitular assim numa piscadela de olhos a JLG. JSM descreve-o como uma carta aos que contra todas as adversidades se tornam atores. Compô-lo com imagens lisboetas, parisienses, romanas, filmando e repescando imagens já filmadas, encenando a sua própria narrativa. Convocou um sério elenco de cúmplices, amigos e atores – "os que vieram antes", os de gerações mais novas que a sua. "É um auto-retrato (auto--filme? auto-golo) comigo de costas: para que quem veja, veja o que eu vejo. Aquilo que vejo (vi, verei) será aquilo que sou? Mas é uma carta, é a ti que quero contar, a ti, rapaz que quiseste ser ator."

FERNANDO LEMOS – COMO, NÃO É RETRATO?

de Jorge Silva Melo

Portugal, 2017 – 76 min | M/12

Concluído em 2018, dez anos depois de ter sido começado, o retrato de Fernando Lemos (1926-2019) por Jorge Silva Melo constrói--se a partir de uma longa entrevista feita em 2008, por altura de uma passagem de Lemos por Lisboa, e de uma outra, de 2017, em São Paulo. É o último filme-retrato de JSM. O de um artista que quando deixou Lisboa em 1953 para se instalar em São Paulo, no Brasil, "deixou-nos a mais impressionante galeria de retratos eu diria que desde Columbano: os seus amigos, atores, escritores, pintores que fotografou incessantemente naqueles três últimos anos que viveu em Portugal. E é pintor, gráfico, poeta" (JSM).

JOGADORES DE PAU MIRÓ

de Jorge Silva Melo, Miguel Aguiar

com Américo Silva, Pedro Carraca, António Simão, João Meireles

Portugal, 2017 – 68 min | M/12

Registo filmado de uma encenação de Jorge Silva Melo nos Artistas Unidos em 2015, a partir de um texto traduzido por Joana Frazão com cenografia e figurinos de Rita Lopes Alves: a peça do catalão Pau Miró, *Jogadores*, fixa quatro homens, um professor, um barbeiro, um ator e um coveiro, olhados à imagem dos *gangsters* falhados de um filme de Monicelli, numa peça por onde passa a ideia da gentrificação. O filme é uma produção Artistas Unidos/RTP, o registo filmado da peça,

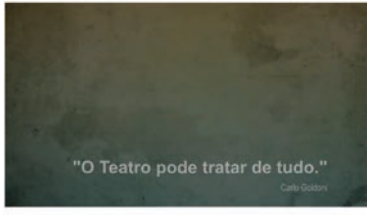
O TEMPO DE LLUÏSA CUNILLÉ

de Jorge Silva Melo

com Rita Brütt, João Meireles

Portugal, 2019 – 67 min | M/12

Registo filmado de uma encenação de Jorge Silva Melo nos Artistas Unidos em 2015. *O Tempo*, de Lluïsa Cunillé, foi encenado por Jorge Silva Melo nos Artistas Unidos em 2015 a partir de uma tradução do texto de Ângelo Ferreira de Sousa, cenografia e figurinos de Rita Lopes Alves. Um drama para duas personagens, um homem e uma mulher.



A MINHA HISTÓRIA DO TEATRO

CARLO GOLDONI | ANTON TCHÉKHOV | HENRIK IBSEN | LUIGI PIRANDELLO | BERTOLT BRECHT | HAROLD PINTER | TENNESSEE WILLIAMS | ARTHUR MILLER | O TEATRO DEPOIS DE BECKETT

de Artistas Unidos, Universidade Aberta

Portugal, 2021 – 125 min
(duração dos nove episódios) | M/6

"O teatro pode tratar de tudo." A frase de Carlo Goldoni é o lema do projeto em nove episódios de duração curta imaginado e protagonizado por Jorge Silva Melo a partir do seu arquivo fotográfico e de uma sua seleção de textos interpretados por um importante grupo de atores. O projeto foi levado a cabo com a participação dos Artistas Unidos e da Universidade Aberta. Os nove episódios giram em torno de grandes figuras do teatro contemporâneo e são conduzidos por Jorge Silva Melo (narrador) que "apresenta em traços gerais e com exemplos concretos da arte de representar, as obras de alguns dos principais dramaturgos do século XVIII à atualidade". No fim do último título da série, O TEATRO DEPOIS DE BECKETT, JSM afirma: "O teatro contemporâneo está vivo, está rico e é curioso: vem da Sicília, vem de Barcelona, vem de Nova Iorque, um bocadinho, vem de Leste. Teatro escrito para ser feito perante pessoas. O teatro vai sobreviver a Samuel Beckett."

TWO WEEKS IN ANOTHER TOWN

CARTA BRANCA SEM RECEITA

A acompanhar a retrospetiva da sua obra, as 20 escolhas de Jorge Silva Melo em 2020, com a falha, por inacessibilidade de cópia de "O LONGO ADEUS" de Kira Muratova. E um 21º filme, um Lubitsch escolhido pela Cinemateca em *raccord* com a sua última encenação, *Vida de Artistas*, levada à cena pelos Artistas Unidos no palco do Teatro São Luiz, onde estreou a 23 de março último: DESIGN FOR LIVING. O texto de Jorge Silva Melo "Carta Branca Sem Receita", divulgado em março de 2020, será publicado no catálogo.

FORA DA CARTA

DESIGN FOR LIVING

Uma Mulher para Dois

de Ernst Lubitsch

com Fredric March, Gary Cooper, Miriam Hopkins, Edward Everett Horton

Estados Unidos, 1933 – 90 min

Invulgarmente "decantado" na pureza do seu estilo, DESIGN FOR LIVING é um desafio ao Código Hays, no mesmo ano em que a censura se tornou oficial em Hollywood e um Lubitsch em estado de graça. Ambientando a ação em Paris, Lubitsch encena um jogo de sedução entre dois homens e uma mulher enredado num *ménage à trois*, trabalhando a figura do trio em sucessivos pares e numa dança imparável, de movimentos e de palavras. Uma obra-prima de subentendidos. Na base do argumento está o texto de 1932 de Noël Coward (estreado na Broadway no ano seguinte), agora traduzido em português, por José Maria Vieira Mendes, como *Vida de Artistas*, título da última encenação de JSM. Sobre o dramaturgo, escreveu JSM: "Ah, como eu gosto de Noël Coward. Como quem 'não quer a coisa', com um brilho único, anda connosco há quase um século, despistando, contrariando ideias feitas, na curva da História. Frívolo? Ou realmente profundo? Fantasista ou realmente realista? Olha: teatral, aposto."

ODD MAN OUT

Casa Cercada

de Carol Reed

com James Mason, Robert Newton, Kathleen Ryan

Reino Unido, 1947 – 115 min

Com uma atmosfera expressionista que anuncia já o seu THE THIRD MAN, Carol Reed encena um verdadeiro "poema fúnebre" sobre a "solidão e o peso do destino", nesta história de um chefe político do Sinn-Fein, ferido num assalto e alvo de uma gigantesca caça ao homem. Quase inteiramente passado numa só noite, foi o filme que deu a James Mason uma das suas grandes personagens e o reconhecimento internacional antes de Hollywood.

ABISMOS DE PASIÓN

O Monte dos Vendavais

de Luis Buñuel

com Jorge Mistral, Irasema Dilian, Lilia Prado, Ernesto Alonso

México, 1953 – 90 min

ABISMOS DE PASIÓN ou CUMBRES BORRASCOSAS é, sem a menor dúvida, um dos pontos mais fortes do período mexicano de Buñuel. Guillermo Cabrera Infante disse deste filme que era "um mau Brontë, mas um bom Breton", destacando a sua dimensão surrealista. Note-se que no título da versão buñueliana de *Wuthering Heights* passamos do "monte" aos "abismos", o que inverte todas as conotações. Apesar disso (ou por causa disso), esta adaptação do romance de Emily Brontë é fiel ao espírito da obra, acentuando a "possessão" de Heathcliff/Alejandro na siderante cena final no cemitério (a preferida de Buñuel), nec plus ultra do *amour fou* no cinema.

BATTLE CRY

Antes do Furacão

de Raoul Walsh

com Van Heflin, Aldo Ray, James Whitmore, Mona Freeman

Estados Unidos, 1955 – 149 min

Com argumento de Leon Uris a partir do seu *best-seller* homónimo, BATTLE CRY é o filme em que Raoul Walsh volta aos palcos da Segunda Guerra Mundial, com uma visão mais distanciada e crítica sobre o conflito e os homens. Singularmente, este notável filme de guerra destaca-se menos pelas características épicas das ações dos Marines, bastante reduzidas, do que pelos retratos individuais dos militares e das mulheres que os acompanham.

MAN OF THE WEST

O Homem do Oeste

de Anthony Mann

com Arthur O'Connell, Gary Cooper, Jack Lord, John Dehner, Julie London, Lee J. Cobb

Estados Unidos, 1958 – 100 min

O último grande western de Anthony Mann e, talvez, o mais pessimista dos seus filmes, onde deixa perceber a sensação de fim de um ''mundo'' e de uma forma de viver. Admirável desempenho de Gary Cooper na figura de um antigo bandoleiro regenerado e que procura auxiliar uma comunidade (o mesmo tema de BEND OF THE RIVER) acabando por reencontrar-se com o passado e ajustar contas definitivas com ele.

RIO BRAVO

Rio Bravo

de Howard Hawks

com John Wayne, Dean Martin, Ricky Nelson, Angie Dickinson, Walter Brennan

Estados Unidos, 1959 – 141 min

RIO BRAVO é um dos mais famosos westerns de sempre, e a obra-prima de Howard Hawks, que o fez em resposta a HIGH NOON de Fred Zinnemann. Um grupo de homens com uma missão a cumprir é o tema geral dos filmes de aventuras de Hawks, neste caso, a de manter a ordem numa pequena cidade, e levar a julgamento um assassino. Mas é também, como todos os filmes do realizador, uma fabulosa variação sobre a "guerra dos sexos", com um fabuloso duelo verbal entre John Wayne e Angie Dickinson. Jorge Silva Melo indica-o muitas vezes como o filme entre os preferidos. Escreveu sobre ele para o catálogo *Howard Hawks* de 1990: "Se há filmes que me fizeram mal? Este. RIO BRAVO. Mal em tudo: na vida, nos amores, na profissão, quando penso em fazer um filme, quando me ponho a escrever uma história, quando vou ao cinema, naquelas horas plenas (e ainda tão raras!) em que posso filmar ou trabalhar."

ADIEU PHILIPPINE

de Jacques Rozier

com Jean-Claude Aimini, Yveline Cery, Stefania Sabatini

França, 1962 – 106 min

O mais amado dos filmes desconhecidos (a sua carreira foi atribulada, em Portugal nunca estreou) do mais raro dos cineastas da Nouvelle Vague, Jacques Rozier, cujo percurso fulgurante nunca mais terá tido sossego, filmando desde então os mais livres dos filmes. Nunca ninguém filmou tão perto a errância da gente nova, a hesitação, os dias inseguros, os adeuses, os acasos, o peso da guerra – aqui, a da Argélia. Tudo é fresco e novo neste documento único em que a Graça visita os corpos 24 vezes por segundo. Sobre ele escreveu Jorge Silva Melo que remata assim: "é que ADIEU PHILIPPINE é um filme de coração nas mãos, tão lindo."

CRONACA FAMILIARE

Dois Irmãos Dois Destinos

de Valerio Zurlini

com Marcello Mastroianni, Jacques Perrin, Salvo Randone, Sylvie

Itália, 1962 – 110 min / legendado eletronicamente em português | M/12

É obrigatório ver este Zurlini, uma visão poética e existencialista da Itália do pós-guerra. Diz-se que "nunca se viu Mastroianni até se ver CRONACA FAMILIARE". Seguindo um

escritor marxista, em luto pela morte do irmão mais novo, um filme que ronda a morte, o desespero e a possibilidade de redenção. Às sombras que perseguem a personagem de Mastroianni, Zurlini contrapõe as cores de um magnífico Technicolor.

TWO WEEKS IN ANOTHER TOWN

Duas Semanas noutra Cidade

de Vincente Minnelli

com Kirk Douglas, Edward G. Robinson, Cyd Charisse, George Hamilton, Claire Trevor

Estados Unidos, 1962 – 107 min

Um americano em Roma, uma angústia, uma confusão, uma perdição neste melodrama sobre o cinema e vida do pós guerra, gente à deriva. A sequência do automóvel com Kirk Douglas subindo o Muro Torto é um dos momentos mais extraordinários do mais elegante dos cineastas, e aquele em que podemos ver o que mudou na compreensão do ser humano, no conturbado início dos anos 1960.

LA BAIE DES ANGES

A Grande Pecadora

de Jacques Demy

com Jeanne Moreau, Claude Mann, Paul Guers

França, 1963 – 83 min

Muito longe do filme cantado que seria uma das marcas do seu cinema, esta obra-prima de Jacques Demy descreve a paixão de uma mulher pelo jogo e o seu périplo de casino em casino na companhia do amante. A realização tem a leveza e a elegância do cinema do realizador francês, mas também capta magnificamente a angústia dos jogadores e a sua neurose. Filmado a preto e branco em cenários naturais na Côte d'Azur (Nice e Mónaco), LA BAIE DES ANGES tem uma criação fabulosa de Jeanne Moreau.

THE PATSY

Jerry, Oito e Três Quartos

de Jerry Lewis

com Jerry Lewis, Ina Balin, Everett Sloane, Keenan Wynn, Peter Lorre, John Carradine

Estados Unidos, 1964 – 101 min

Uma das obras-primas do realizador-ator Jerry Lewis, THE PATSY é uma sátira mordaz ao mundo do cinema (o título português indica-o jogando com o felliniano OITO E MEIO, do ano anterior). Jerry retoma uma personagem semelhante à de THE ERRAND BOY (1961) no papel de um mandarete de hotel que uma equipa do mundo do espetáculo escolhe para substituir a sua estrela recentemente falecida. Um dos mais estranhos e "destrutivos" dos seus filmes da década de 1960.

ERSCHIESSUNG DES LANDESVERRÄTERS

"A Execução de Ernst S., Traidor à Pátria"

de Richard Dindo

Suíça, 1970 – 99 min

A partir do livro de Niklaus Meienberg, o filme documental de Richard Dindo reconstitui a vida de Ernst S. detendo-se no seu caso político: entre 1939 e 1944, o governo suíço mandou executar 17 "traidores da pátria", o primeiro dos quais o jovem soldado Ernst S., que seria fuzilado no cantão de Saint-Gall pelo roubo e revenda de granadas aos nazis. O filme apresenta os pontos de vistas de pessoas próximas de Ernst S., testemunhos que incluem Edgar Bonjour, tido como o historiador "oficial" da Suíça durante a Segunda Guerra Mundial, refletindo as questões esgrimidas em debates posteriores sobre o papel da Suíça durante a Guerra. Há quem o alinhe com LE DOULEUR ET LA PITIÉ de Marcel Ophuls. Jorge Silva Melo citava-o como uma referência importante, "um filme quase desconhecido, feito sobre a impossibilidade de ficção e representação".

SOLO

de Jean-Pierre Mocky

com Jean-Pierre Mocky, Anne Deleuze, Denis Le Guillou, R.J. Chauffard, Marcel Pérès

França, Bélgica, 1970 – 83 min

Interpretando o papel principal deste seu filme *noir*, realizado após uma série de comédias, Jean-Pierre Mocky retrata a sociedade francesa da época encarando sem complacência quer a juventude de Maio de 68 quer a França de De Gaulle. A história é a de um violinista ladrão de joias que procura o irmão, chefe de um pequeno grupo de

extrema-esquerda responsável por atentados sangrentos contra a burguesia abastada. É um filme importante da filmografia de Mocky, um policial melancólico, tenebroso e romântico, como já lhe chamaram.

FORA DO PROGRAMA

DOLGYE PROVODY

"O Longo Adeus"

de Kira Muratova

com Zinaida Sharko, Oleg Vladimirsky, Tatyana Mychko, Yuriy Kayurov

URSS, 1971 – 97 min

Filmado em 1971 e proibido até aos anos da Perestroika no final da década seguinte, foi o filme que revelou ao mundo a existência de Kira Muratova entre os grandes nomes soviéticos do cinema moderno. Um romance sobre o amor e a solidão através da história de uma mãe solteira, do seu filho adolescente e do pai deste, um homem que abandonou a família anos antes. Formando um díptico com KOROTKE VSTRECHI / "BREVES ENCONTROS (1967), é a obra-prima de Muratova, um filme de extremo lirismo. Zinaida Sharko compõe extraordinariamente a personagem impulsiva e frágil da mãe.

WANDA

Wanda

de Barbara Loden

com Barbara Loden, Michael Higgins, Charles Dosiman, Frank Jourdano

Estados Unidos, 1971 – 102 min

Um filme feito à mão pela atriz Barbara Loden (irmã de Warren Beatty em SPLENDOR IN THE GRASS). História de uma mulher solitária e pobre na Pensilvânia, WANDA é uma experiência radical. A solidão americana, o sonho dos pobres, em carne viva. Um segredo tardiamente revelado da História do cinema, um belíssimo filme. Jorge Silva Melo escreveu sobre o filme para uma "folha" da sala do ciclo "Actor/Actor" em 1987 e publicou o texto no livro de antologia *Século Passado*, perguntando, "Que dizer da Ferida?" Tinha-o visto em Londres, em 1971: "Vi WANDA cinco vezes nessas duas semanas em que esteve em exibição. E se há coisa que nunca serei é isso para que me quiseram preparar [na London Film School], um profissional."

IL SOSPETTO

O Suspeito

de Francesco Maselli

com Gian Maria Volonté, Renato Salvatori, Annie Girardot

Itália, 1975 – 111 min

Há quem o refira como um drama político ambientado na Itália fascista. O argumento é coassinado por Maselli e Franco Solinas, mais conhecido como argumentista de Gillo Pontecorvo (KAPÒ, LA BATTAGLIA DI ALGERI). A história segue a personagem de Emilio, um comunista italiano radicado em Paris por confrontos políticos com camaradas do Partido uns anos antes. E que é enviado numa missão a Turim quando a detenção de militantes por denúncia começa a dizimar as fileiras da resistência. O título de trabalho era "Missione nell'Italia Fascista", tendo a produção que haver-se com a RKO, ciosa da exclusividade do título do filme de 1941 de Hitchcock, SUSPICION. Realizado por Francesco Maselli, irmão da artista Titina Maselli, cujos quadros surgem em NINGUÉM DUAS VEZES, é uma das escolhas italianas de Jorge Silva Melo nesta sua carta branca.

PASTORALI

de Otar Iosseliani

com Rezo Charkhalashvili, Lia Tokhadze-Giugheli, Marina Kartsivadze

Geórgia, 1976 – 98 min

Ainda do período georgiano de Otar Iosseliani, PASTORALI é a sua terceira longa-metragem, construída à volta da vida quotidiana de uma aldeia na Geórgia, onde a dado passo se instala um grupo de músicos para ensaiar um quarteto. "O filme de Iosseliani tem qualquer coisa de projeto etnológico; demolindo a velha ideia de contar uma história, conta mais histórias do que aquelas que o cinema contemporâneo contém, e multiplica-as pela força documental, ou seja, dirige-se ao espectador de amanhã" (Bernard Eisenschitz).

Era este o Iosseliani que Jorge Silva Melo tinha originalmente em mente em 2020, altura em que acabou por estar programado GIORGOBISTVE ("FOLHAS CAÍDAS" / "OUTONO", 1967).

DÉTECTIVE

de Jean-Luc Godard

com Nathalie Baye, Claude Brasseur, Johnny Halliday, Alain Cuny

França, Suíça, 1985 – 95 min

Nunca a ficção narrativa foi tão dinamitada, fragmentada, dilacerada, estrangulada, nunca as personagens deambularam tanto nos meandros de uma incompreensível história, nunca os lugares de passagem, quartos de hotel, átrios, lugares intermédios foram tanto os lugares da nossa inquietação. Da fase menos reconhecida de Jean-Luc Godard, é seguramente o seu filme mais amargo e mais solitário até então, um adeus. Num texto sobre DÉTECTIVE, Jorge Silva Melo: "Aqui estamos na raiz da música, nas ruínas do cinema, no parti-pris que agora, tantos anos depois do PETIT SOLDAT e das citações de Ponge, é agora, moribundo, o parti-pris das sombras."

LE RAYON VERT

O Raio Verde

de Eric Rohmer

com Marie Rivière, Vincent Gauthier, Rosette

França, 1986 – 98 min

Sexto e último filme da série "Comédias e Provérbios", sob a epígrafe de um verso de Rimbaud: "Ah, que venha o tempo/ em que os corações se apaixonam!". Uma jovem secretária não sabe o que fazer durante as férias de verão e depois de muitas hesitações vai para Biarritz, onde terá uma súbita revelação. Filmado em 16 mm, como outras "Comédias e Provérbios", porque "em 35 mm, pode-se cair facilmente no bilhete-postal" (Rohmer), o filme tem uma deliberada estratégia de cinema "amador". Mal compreendido quando estreou, é um filme radical, denso, luminoso.

NAMAY-E NAZDIK / CLOSE-UP

de Abbas Kiarostami

com Hossain Sabzian, Abolfazl Ahankhah, Abbas Kiarostami, Mohsen Makhmalbaf

Irão, 1990 – 90 min

CLOSE-UP é uma das obras-primas de Abbas Kiarostami, um filme extraordinariamente livre, complexo, mas simples à superfície. Construindo-se nos registos documental e da ficção, e refletindo sobre a natureza da imagem, o real e o cinema, segue a história de um homem desempregado que finge ser o realizador Mohsen Makhmalbaf. Num testemunho filmado para acompanhar a sua edição portuguesa em dvd, Jorge Silva Melo defendo-o como um filme que coloca as questões fundamentais do cinema com simplicidade, nitidez, problematização: "Depois deste filme não é possível fazer cinema da mesma maneira. Ficamos a duvidar de tudo."

VANITAS OU O OUTRO MUNDO

de Paulo Rocha

com Isabel Ruth, Joana Bárcia, Filipe Cochofel, Pedro Miguel Silva, João Pedro Bénard

Portugal, 2014 – 100 min

Lúgubre, insano, demente, desmesurado, cheirando a incenso e óleos, crepuscular, tétrico, fantomático, desgarrado, este filme desequilibrado, rasgado, filme roto, filme nu, filme irredutível, dorido e cantável, imensa melodia da passagem decrescente dos dias, será o filme mais amaldiçoado do mais amaldiçoado dos grandes cineastas modernos, Paulo Rocha. A ele se aplica o que Duras dizia de Montgomery Clift: "Só espero que haja cada vez mais homens que tremem como ele." A "folha" da Cinemateca é de Jorge Silva Melo e lá se lê: "O que me inquieta neste filme é a ansiedade, indizível ansiedade", ou "Raríssimas vezes o cinema nos deu este negrume, este abismo no coração gelado das personagens."

CALENDÁRIO DAS SESSÕES
O CINEMA DE JORGE SILVA MELO
10-31 DE MAIO 2022

▶ Terça-feira [10] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro
Terça-feira [31] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

AGOSTO
de Jorge Silva Melo

Portugal, 1988 – 98 min | M/12

sessão de abertura (dia 10)

▶ Quarta-feira [11] 19:30 | Sala Luís de Pina

E NÃO SE PODE EXTERMINÁ-LO?
– CENAS DE KARL VALENTIN:
VALENTIN NAS LOJAS | VALENTIN CANTA | VALENTIN NA ORQUESTRA | VALENTIN NO TRABALHO | VALENTIN FAZ BALANÇO
de Solveig Nordlund, Jorge Silva Melo

Portugal, 1979 – 156 min
(duração dos cinco episódios) | M/12

▶ Quinta-feira [12] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

PASSAGEM OU A MEIO CAMINHO
de Jorge Silva Melo

Portugal, 1980 – 85 min| M/12

sessão com apresentação

PASSAGEM OU A MEIO CAMINHO tem sido um filme de projeções raras, dadas as más condições técnicas dos materiais existentes e não estando localizados os respetivos negativos, que a Cinemateca continua a procurar. É apresentado em DCP, resultando de um trabalho de digitalização de 2021 a partir de um internegativo de imagem 35 mm por sua vez tirado pela Cinemateca em 2004 de uma não exemplar cópia 16 mm.

▶ Sexta-feira [13] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

A. PALOLO: VER O PENSAMENTO A CORRER
de Jorge Silva Melo

Portugal, 1995 – 60 min

JOAQUIM BRAVO, ÉVORA, 1935, ETC., ETC., FELICIDADES de Jorge Silva Melo

Portugal, 1999 – 58 min

duração total da projeção: 118 min| M/12

A sessão assinala o lançamento da edição em DVD do filme dedicado a Palolo, completando a coleção dos filmes sobre artistas de Jorge Silva Melo editada pela Midas Filmes.

▶ Sexta-feira [13] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

ÁLVARO LAPA: A LITERATURA
de Jorge Silva Melo

Portugal, 2008 – 101 min | M/12

▶ Sábado [14] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

NINGUÉM DUAS VEZES
de Jorge Silva Melo

Portugal, Alemanha, França, 1984 – 106 min | M/12

sessão apresentada
por Miguel Lobo Antunes

▶ Segunda-feira [16] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

O FILME DA MINHA VIDA:
JORGE SILVA MELO (da série da RTP)

Portugal, 1998 – 12 min

COITADO DO JORGE
de Jorge Silva Melo

Portugal, 1992 – 101 min

duração total da projeção: 113 min| M/12

sessão apresentada
por João Pedro Rodrigues

A projeção de COITADO DO JORGE é antecedida do comentário de Jorge Silva Melo ao seu filme, em conversa com Inês de Medeiros no contexto da série da RTP "O Filme da Minha Vida": "o Filme da Minha Vida: Jorge Silva Melo" (episódio de 12 minutos com realização de José Vitório, emitido a 16 de maio de 1998).

▶ Terça-feira [17] 19:30 | Sala Luís de Pina

GRAVURA: ESTA MÚTUA APRENDIZAGEM de Jorge Silva Melo

Portugal, 2008 – 88 min | M/12

▶ Quarta-feira [18] 19:30 | Sala Luís de Pina

BARTOLOMEU CID DOS SANTOS: POR TERRAS DEVASTADAS de Jorge Silva Melo

Portugal, 2009 – 60 min | M/12

▶ Quarta-feira [18] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

NIKIAS SKAPINAKIS: O TEATRO DOS OUTROS de Jorge Silva Melo

Portugal, 2007 – 60 min

NIKIAS SKAPINAKIS (CONTINUANDO) de Jorge Silva Melo

Portugal, 2012 – 23 min

duração total da projeção: 83 min| M/12

▶ Quinta-feira [19] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

ANTÓNIO, UM RAPAZ DE LISBOA de Jorge Silva Melo

Portugal, 2000 – 114 min | M/12

sessão apresentada por Lia Gama e Manuel Wiborg

▶ Sexta-feira [20] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

SOFIA AREAL: UM GABINETE ANTI-DOR de Jorge Silva Melo

Portugal, 2016 – 55 min | M/12

projeção seguida de conversa com Sofia Areal, Filomena Serra e Manuel Villaverde Cabral

À projeção segue-se uma conversa entre Sofia Areal, Filomena Serra e Manuel Villaverde Cabral em que se abordará este e outros dos "filmes de artistas" de JSM.

▶ Sábado [21] 18:30 | Sala Luís de Pina

atenção ao horário

ANTÓNIO SENA: A MÃO ESQUIVA de Jorge Silva Melo

Portugal, 2009 – 60 min

ANA VIEIRA: E O QUE NÃO É VISTO de Jorge Silva Melo

Portugal, 2011 – 56 min

duração total da projeção: 116 min | M/12

sessão apresentada por Maria Filomena Molder antes de cada um dos filmes

▶ Segunda-feira [23] 19:30 | Sala Luís de Pina

A MINHA HISTÓRIA DO TEATRO – CARLO GOLDONI | ANTON TCHÉKHOV | HENRIK IBSEN | LUIGI PIRANDELLO | BERTOLT BRECHT | HAROLD PINTER | TENNESSEE WILLIAMS | ARTHUR MILLER | O TEATRO DEPOIS DE BECKETT

de Artistas Unidos, Universidade Aberta

Portugal, 2021 – 125 min

duração total da projeção | M/6

sessão apresentada por António Simão

▶ Terça-feira [24] 19:30 | Sala Luís de Pina

ÂNGELO DE SOUSA: TUDO O QUE SOU CAPAZ de Jorge Silva Melo

Portugal, 2009 – 60 min

FOTOGRAFIA | INFÂNCIA | CENÁRIO | ESFEROGRÁFICA de Jorge Silva Melo

Portugal, 2010 – 23 min (duração dos quatro "extras")

duração total da projeção: 83 min| M/12

FOTOGRAFIA, INFÂNCIA, CENÁRIO, ESFEROGRÁFICA são títulos dos quatro pequenos "extra" incluídos na edição DVD do documentário, a apresentar em projeção como quatro curtas-metragens suplementares a seguir ao filme.

▶ Quarta-feira [25] 19:30 | Sala Luís de Pina

A ÁFRICA DE JOSÉ DE GUIMARÃES de Jorge Silva Melo, Miguel Aguiar

Portugal, 2012 – 57 min | M/12

com a presença de José Guimarães

▶ Quinta-feira [26] 19:30 | Sala Luís de Pina

A FELICIDADE de Jorge Silva Melo

Portugal, 2007 – 8 min

CONVERSAS COM GLICÍNIA QUARTIN de Jorge Silva Melo

Portugal, 2004 – 55 min

duração total da projeção: 63 min| M/12

▶ Sábado [28] 18:30 | Sala Luís de Pina

atenção ao horário

JOGADORES DE PAU MIRÓ de Jorge Silva Melo, Miguel Aguiar

Portugal, 2017 – 68 min

O TEMPO DE LLUÏSA CUNILLÉ de Jorge Silva Melo

Portugal, 2019 – 67 min

duração total da projeção: 135 min| M/12

▶ Segunda-feira [30] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

FERNANDO LEMOS – COMO, NÃO É RETRATO? de Jorge Silva Melo

Portugal, 2017 – 76 min | M/12

▶ Terça-feira [31] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

AINDA NÃO ACABÁMOS, COMO SE FOSSE UMA CARTA

de Jorge Silva Melo

Portugal, 2016 – 78 min | M/12

sessão apresentada por João Pedro Mamede

CALENDÁRIO DAS SESSÕES CARTA BRANCA SEM RECEITA 9-31 DE MAIO 2022

Fora da Carta

▶ Segunda-feira [9] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

DESIGN FOR LIVING *Uma Mulher para Dois* **de Ernst Lubitsch**

Estados Unidos, 1933 – 90 min
legendado em português | M/12

▶ Segunda-feira [9] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro
Terça-feira [17] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

ADIEU PHILIPPINE de Jacques Rozier

França, 1962 – 106 min
legendado eletronicamente em português | M/12

▶ Terça-feira [10] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

LE RAYON VERT *O Raio Verde* **de Eric Rohmer**

França, 1986 – 98 min
legendado em português | M/12

▶ Terça-feira [10] 22:00 | Sala M. Félix Ribeiro

atenção ao horário

SOLO de Jean-Pierre Mocky

França, Bélgica, 1970 – 83 min
legendado eletronicamente em português | M/12

▶ Quarta-feira [11] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro
Sexta-feira [13] 19:30 | Sala Luís de Pina

BATTLE CRY *Antes do Furacão* **de Raoul Walsh**

Estados Unidos, 1955 – 149 min
legendado eletronicamente em português | M/12

▶ Quinta-feira [12] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro
Quarta-feira [25] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

ABISMOS DE PASIÓN *O Monte dos Vendavais* **de Luis Buñuel**

México, 1953 – 90 min
legendado em português | M/12

▶ Quinta-feira [12] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

ERSCHIESSUNG DES LANDESVERRÄTERS *"A Execução de Ernst S., Traidor à Pátria"* **de Richard Dindo**

Suíça, 1970 – 99 min
legendado em francês e eletronicamente em português | M/12

▶ Sexta-feira [13] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro
Sábado [21] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

LA BAIE DES ANGES *A Grande Pecadora* **de Jacques Demy**

França, 1963 – 83 min
legendado em português | M/12

▶ Sábado [14] 19:30 | Sala Luís de Pina
Quarta-feira 25] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

IL SOSPETTO *O Suspeito* **de Francesco Maselli**

Itália, 1975 – 111 min
legendado eletronicamente em português | M/12

▶ Segunda-feira [16] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro
Sexta-feira [20] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

PASTORALI *Pastoral* **de Otar Iosseliani**

Geórgia, 1976 – 98 min
legendado eletronicamente em português | M/12

▶ Segunda-feira [16] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro
Quinta-feira [19] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

ODD MAN OUT *Casa Cercada* **de Carol Reed**

Reino Unido, 1947 – 115 min
legendado eletronicamente em português | M/12

▶ Terça-feira [17] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro
Sexta-feira [20] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

MAN OF THE WEST *O Homem do Oeste* **de Anthony Mann**

Estados Unidos, 1958 – 100 min
legendado eletronicamente em português | M/12

▶ Quarta-feira [18] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro
Segunda-feira [23] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE PATSY *Jerry, Oito e Três Quartos* **de Jerry Lewis**

Estados Unidos, 1964 – 101 min
legendado eletronicamente em português | M/12

▶ Quinta-feira [19] 22:00 | Sala M. Félix Ribeiro
atenção ao horário

WANDA *Wanda* **de Barbara Loden**

Estados Unidos, 1971 – 102 min / legendado em francês e eletronicamente em português | M/16

▶ Terça-feira [24] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro
Segunda-feira [30] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

NAMAY-E NAZDIK / CLOSE-UP de Abbas Kiarostami

Irão, 1990 – 90 min
legendado em inglês e eletronicamente em português

COMENTÁRIO SOBRE O FILME POR JORGE SILVA MELO (um extra)

Portugal, 2007 – 18 min

duração total da projeção: 108 min | M/12

A projeção de CLOSE-UP é sucedida do referido comentário de Jorge Silva Melo ao filme, registado por Joana Cunha Ferreira em entrevista a Marta Lisboa (para a edição dvd de CLOSE-UP da Midas Filmes).

▶ Quinta-feira [26] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

TWO WEEKS IN ANOTHER TOWN *Duas Semanas noutra Cidade* **de Vincente Minnelli**

Estados Unidos, 1962 – 107 min
legendado eletronicamente em português | M/12

▶ Sexta-feira [27] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro
Segunda-feira [30] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

CRONACA FAMILIARE *Dois Irmãos Dois Destinos* **de Valerio Zurlini**

Itália, 1962 – 110 min
legendado eletronicamente em português | M/12

▶ Sexta-feira [27] 19:00 | **Sala Luís de Pina**

VANITAS OU O OUTRO MUNDO

de Paulo Rocha

Portugal, 2014 – 100 min | M/12

▶ Sábado [28] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

DÉTECTIVE de Jean-Luc Godard

França, Suíça, 1985 – 95 min
legendado eletronicamente em português| M/12

▶ Terça-feira [31] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

RIO BRAVO *Rio Bravo* **de Howard Hawks**

Estados Unidos, 1959 – 141 min
legendado eletronicamente em português | M/12

FILMOGRAFIA
REALIZAÇÃO

Valentin nas Lojas (E Não Se Pode Exterminá-lo?), Jorge Silva Melo, Solveig Nordlund / Grupo Zero, 1979 (32')
Valentin Canta (E Não Se Pode Exterminá-lo?), Jorge Silva Melo, Solveig Nordlund / Grupo Zero, 1979 (25')
Valentin na Orquestra (E Não Se Pode Exterminá-lo?), Jorge Silva Melo, Solveig Nordlund / Grupo Zero, 1979 (43')
Valentin no Trabalho (E Não Se Pode Exterminá-lo?), Jorge Silva Melo, Solveig Nordlund / Grupo Zero, 1979 (29')
Valentin Faz Balanço (E Não Se Pode Exterminá-lo?), Jorge Silva Melo, Solveig Nordlund / Grupo Zero, 1979 (27')
Passagem ou a Meio Caminho, Jorge Silva Melo, 1980 (85')
Ninguém Duas Vezes, Jorge Silva Melo, 1983 (106')
Agosto, Jorge Silva Melo, 1988 (98')
Coitado do Jorge, Jorge Silva Melo, 1992 (101')
A. Palolo: Ver o Pensamento a Correr, Jorge Silva Melo, 1995 (42')
Joaquim Bravo, Évora, 1935, Etc. Etc. Felicidades, Jorge Silva Melo, 1999 (58')
António, Um Rapaz de Lisboa, Jorge Silva Melo, 2000 (114')
Conversas com Glicínia, Jorge Silva Melo, 2004 (55')
As Conversas de Leça em Casa de Álvaro Lapa, Jorge Silva Melo, 2006 (160') / versão "expositiva"
A Felicidade, Jorge Silva Melo, 2007 (8')
Gravura: Esta Mútua Aprendizagem, Jorge Silva Melo, 2008 (88')
Nikias Skapinakis: O Teatro dos Outros, Jorge Silva Melo, 2007 (60')
Álvaro Lapa: a Literatura, Jorge Silva Melo, 2008 (100')
Bartolomeu Cid dos Santos: Por Terras Devastadas, Jorge Silva Melo, 2009 (60')
António Sena: A Mão Esquiva, Jorge Silva Melo, 2009 (60')
Ângelo de Sousa: Tudo o que sou capaz, Jorge Silva Melo, 2009 (60')
Ana Vieira: E O Que Não É Visto, Jorge Silva Melo, 2011 (56')
A África de José Guimarães, Jorge Silva Melo, Miguel Aguiar, 2012 (57')
Nikias Skapinakis (Continuando), Jorge Silva Melo, 2012 (23')
Ainda Não Acabámos, como se fosse uma carta, Jorge Silva Melo, 2016 (78')
Sofia Areal: Um Gabinete Anti-dor, Jorge Silva Melo, 2016 (55')
Jogadores de Pau Miró, Jorge Silva Melo, 2017 (68')
O Tempo de Lluïsa Cunillé Jorge Silva Melo, 2018 (67')
Fernando Lemos – Como, Não É Retrato?, Jorge Silva Melo, 2017 (76')

JORGE SILVA MELO | ATOR
(além dos filmes que realiza e em que participa)

Conversa Acabada, João Botelho, 1981 (105')
Silvestre, João César Monteiro, 1981 (118')
Gestos & Fragmentos, Alberto Seixas Santos, 1982 (87') / uma voz
A Ilha dos Amores, Paulo Rocha, 1982 (169')
No Speaking, Luís Fonseca Fernando, 1984 (22'?)
Le Soulier de Satin, Manoel de Oliveira, 1985 (426')
Vertiges, Christine Laurent, 1985 (111'?)
Uma Rapariga no Verão, Vítor Gonçalves, 1986 (82')
Repórter X, José Nascimento, 1986 (97')
O Bobo, José Álvaro Morais, 1987 / uma voz (126')
Swing Troubador, Bruno Bayen, 1991 (86')
Das Tripas Coração, Joaquim Pinto, 1992 (67')

ARGUMENTO | COLABORAÇÃO

Sophia de Mello Breyner Andresen, João César Monteiro, 1969 / **assistente realização**
Quem Espera por Sapatos de Defunto Morre Descalço, João César Monteiro, 1970 / **assistente, diretor de produção**
Pousada das Chagas – Uma Representação sobre o Museu de Óbidos, Paulo Rocha, 1971 / **assistente de realização**
Perdido por Cem, António-Pedro Vasconcelos, 1972 / **assistente de realização**
Brandos Costumes, Alberto Seixas Santos, 1974 (72') / **assistente**
Música para Si, Solveig Nordlund, 1978 (Grupo Zero, Teatro da Cornucópia) / **colaboração**
Viagem para a Felicidade, Solveig Nordlund, 1978 (Grupo Zero) / **colaboração**
O Desejado ou as Montanhas da Lua, Paulo Rocha, 1987 / **adaptação, diálogos**
Um Passo, Outro Passo e Depois..., Manuel Mozos, 1990 / **argumento**
Longe Daqui, João Guerra, 1993 / **argumento**
O Pedido de Emprego, Pedro Caldas, 1999 / **argumento**
Xavier, Manuel Mozos, 2001 / **argumento**
A Fábrica de Nada, Pedro Pinho, 2017 / **a partir de uma ideia original de Jorge Silva Melo baseada na peça *De Nietsfabriek* de Judith Herzberg (1997, encenada por Jorge Silva Melo em 2005)**
A Minha História no Teatro, Artistas Unidos, Universidade Aberta, 2021 / **ideia original**

AGRADECIMENTOS

Nuno Gonçalo Rodrigues, António Simão (Artistas Unidos), António Sena, Artur Hermenegildo, João Pedro Mamede, João Pedro Rodrigues, João Pinto Nogueira, José Guimarães, Lia Gama, Manuel Wiborg, Maria Filomena Molder, Miguel Aguiar, Miguel Lobo Antunes, Solveig Nordlund, Sofia Areal, Filomena Serra, Manuel Villaverde Cabral; Maria João Guerreiro (Universidade Aberta), António José Martins, Hugo Correia (RTP), Pedro Borges (Midas Filmes); Corinna Reicher, Rod Ruhle (BFI), Carmen Accaputo (Cineteca di Bologna), Laurence Millereux (Forum des Images)

CAPA: AGOSTO | CONTRA-CAPA: AINDA NÃO ACABÁMOS, COMO SE FOSSE UMA CARTA (RODAGEM) - FOTO: ARTUR HERMENEGILDO

programa sujeito a alterações

preço dos bilhetes: 3,20 euros
estudantes/cartão jovem, reformados e pensionistas - > 65 anos - 2,15 euros
amigos da cinemateca/estudantes de cinema - 1,35 euros
amigos da cinemateca / marcação de bilhetes: tel. 213 596 262

horário da bilheteira:
segunda-feira/sábado, 14:30 - 15:30 e 18:00 - 22:00
venda online em cinemateca.bol.pt
não há lugares marcados

informação diária sobre a programação: tel. 213 596 266
classificação geral dos espetáculos: igac

sala 6x2, sala dos carvalhos e sala dos cupidos: segunda-feira/sexta-feira, 14:00 - 19:30 - entrada gratuita
espaço 39 degraus | livraria linha de sombra: segunda-feira/sábado, 13:00 - 22:00 (213 540 021)
restaurante-bar, segunda-feira/sábado, 12:30 - 01:00

transportes:
metro: marquês de pombal, avenida
bus: 736, 744, 709, 711, 732, 745
disponível estacionamento para bicicletas

rua barata salgueiro, 39 - 1269-059 lisboa
www.cinemateca.pt

cinemateca portuguesa
MUSEU DO CINEMA, IP

TOGETHER FOR THE FIRST TIME
JAMES STEWART
JOHN WAYNE